

Insensatez, abismos e declives

TENDO EVITADO O PIOR DESASTRE, GOVERNO PODE SE PERDER EM DESCAMINHOS MENOS EVIDENTES

Rogério L. Furquim Werneck*

Quem teve a oportunidade de conviver com Albert Hirschman, ou de desfrutar o muito que já escreveu com tão boa verve, bem sabe que uma de suas qualidades mais marcantes sempre foi a inesgotável capacidade de extrair, de constatações muito simples da realidade, intuições surpreendentemente gerais e interessantes. Quando ainda era jovem economista, intrigou-se com algo que lhe parecia particularmente paradoxal no complexo subdesenvolvimento latino-americano. Por um lado, impressionava-se com a incúria dos governos, incapazes de manter em bom estado a já precária infra-estrutura da região. Estradas construídas com grande sacrifício, em países de capital tão escasso, eram com frequência abandonadas sem manutenção adequada, até que se tornassem simplesmente intransitáveis. Por outro lado, contudo, Hirschman se surpreendia com a capacidade que por vezes mostravam esses mesmos governos de manter empresas de transporte aéreo em perfeito funcionamento, dando a aviões manutenção tão competente quanto a que se podia observar em países desenvolvidos. A diferença, claro, é que, nessa área, era mais do que sabido que desleixo e negligência tinham logo conseqüências desastrosas.

A partir dessa constatação, Hirschman desenvolveu, na época, argumentos que levantavam dúvidas sobre o suposto bom senso da prescrição usual de que países em desenvolvimento deveriam optar, sempre que possível, por técnicas de produção relativamente simples e pouco intensivas em capital. Mas a intuição propiciada pela constatação desse aparente paradoxo tem aplicação mais ampla. Pode ajudar a lançar luz sobre outra questão de natureza bem distinta.

Nos últimos meses, o governo Lula vem mostrando desempenho bastante diferenciado. Há contraste marcante entre o sucesso obtido em determinadas áreas e o desempenho um tanto pífio que vem sendo observado em outras. Não parece ser excesso de generalização afirmar que, onde erros, improvisações e procrastinações podiam ter conseqüências mais sérias a curto prazo, a atuação do governo foi mais eficaz. Em outras áreas, parece haver muito mais espaço para equívocos, já que os custos de medidas impensadas ou de marasmos de indecisão e inoperância, por maiores que possam ser, tendem a só se fazer sentir em prazo mais longo, com mais lentidão. Não afloram de forma tão imediata.

Tem sido cantada em prosa e verso, inclusive pelo autor dessas linhas, a forma espetacular com que o governo Lula rompeu com o discurso econômico que o PT vinha mantendo durante tantos anos. O que afinal se observou foi a adoção de uma política macroeconômica ponderada, que vem tendo inegável sucesso. Em poucos meses, permitiu, ao mesmo tempo, desarmar a gigantesca crise de confiança de 2002,

retomar o controle da inflação, melhorar substancialmente as contas externas e estabelecer as bases para uma recuperação sustentável do nível de atividade. Para tornar curta essa longa e fascinante história de súbito aprendizado e pronta reavaliação, pode-se recorrer a uma frase singela, quase de cartilha, que resume o essencial: Lula viu o abismo. Foi isso que de fato possibilitou a guinada tão brusca e surpreendente nas posições da cúpula do PT sobre a condução da política macroeconômica.

Em outras áreas, contudo, não há abismos. Decisões equivocadas não estão necessariamente fadadas a ter desdobramentos imediatos tão dramáticos. Não há precipícios a balizar com tanta clareza por onde a subida não deve ser feita. Mantendo a metáfora, há apenas declives a evitar. Por acidentados e impressionantes que por vezes possam ser, não chegam a ser abismos. São bem menos abruptos. Na verdade, em certos casos, a simples percepção de que são de fato declives pode, de início, não ser tão óbvia. E isso acaba tornando os descaminhos bem menos evidentes. Quem envereda pela trilha errada pode levar muito tempo para se convencer que, afinal, estava descendo, em vez de subir.

Não chega a ser surpreendente que, nessas áreas, o aprendizado do governo tenda a ser mais lento. Encontrar o caminho correto pode ser bem mais difícil, especialmente quando a busca é pautada por idéias equivocadas e preconceitos arraigados. Como, de início, o custo do erro pode nem mesmo chegar a ser percebido, parece haver tempo de sobra para experimentação, amadorismo e insensatez.

Com o sucesso da política de estabilização, é mais do que natural que questões de prazo mais longo, relacionadas à retomada do crescimento sustentado, ganhem importância. Mas é exatamente no equacionamento dessas questões que o governo vem mostrando dificuldades para superar o clima de inoperância e improvisação e, afinal, chegar a formulações coerentes. Não faltam exemplos que bem ilustram tais dificuldades. Perdeu-se quase um ano com a teimosa insistência do governo em redesenhar o setor elétrico ao arrepio de princípios econômicos absolutamente elementares. Por quanto tempo mais se vai deixar a gestão das escassas linhas de financiamento de longo prazo com que conta o País ao sabor de visões delirantes de um nacional-desenvolvimentismo redivivo, acalentadas no BNDES? Quantos meses mais serão necessários para que o governo compreenda que, sem uma definição nítida e coerente de como deverão funcionar as agências reguladoras, bem como das regras do jogo com que poderão efetivamente contar os investidores, a retomada de investimentos da economia está fadada a ser muito mais acanhada do que poderia ser?

É hora de se perceber, mesmo sem o auxílio da visão pedagógica do abismo, que, também nessas áreas, terá de haver forte guinada na condução da política econômica.

* Professor do Departamento de Economia da PUC-Rio.